

## Nota introdutória

Manuel Pinto\*

Felisbela Lopes\*\*

O *Telejornal* completa em 2009 exactamente 50 anos de vida, grande parte dos quais actuando sozinho como fornecedor quotidiano de uma perspectiva do país e do mundo a boa parte da população. Este facto merece, *de per si*, uma evocação que apele a uma maior atenção sobre o que foi o seu papel, para que se reforce o positivo, se descubram novos caminhos e se aprenda com os erros cometidos.

Reflectir sobre o papel do *Telejornal* é ter em conta pelo menos três dimensões, a saber: *i)* como vemos esse programa diário, no seu modo de se conceber e apresentar; *ii)* que mundo é que o *Telejornal* nos dá a ver; *iii)* como é que o *Telejornal* nos vê a nós espectadores e à sociedade em que opera e que serve ou deve servir.

Olhar para cada uma destas direcções de um ponto de vista diacrónico, tendo presentes os desafios e encruzilhadas do nosso hoje, corresponde a abrir outras tantas frentes de análise e de debate. Com a especificidade – que é também uma responsabilidade acrescida – de estarmos perante um programa que se inscreve e se destaca num serviço público de televisão. O que para alguns equivale a ser porta-voz e correia de transmissão de quem o sistema democrático colocou, em cada momento, a dirigir os assuntos do Estado, ao passo que, para outros, equivale a uma atenção permanente e profissional à pluralidade de assuntos e de vozes da sociedade e do Estado.

Por estas e outras razões o *Telejornal* em raras alturas deixou de ser motivo de controvérsia. E não foi o regime democrático, instaurado depois de Abril de 1974, que alterou esta característica – *et pour cause!* Certamente que deixámos de assistir aos editoriais e notas de abertura que, antes mesmo das notícias que os censores deixavam passar, nos pretendiam meter na forma da ideologia dominante. Mas as novas formas de censura e de manipulação não precisam de recorrer, nos dias que passam, a vias tão toscas: o que se elege como notícia e o que se deixa em silêncio; o que se enfatiza ou subalterniza; o que se reitera e o que se torna matéria de alusão esporádica; o modo

\* Director do Centro de Estudos Comunicação e Sociedade.

\*\* Investigadora do Centro de Estudos Comunicação e Sociedade (felisbela@ics.uminho.pt).

como se exerce a acutilância ou a subserviência no tratamento de um assunto ou de um protagonista da notícia – tudo isso são recursos que deixam campo aberto para modos e estilos muito distintos de exercer a função jornalística, nomeadamente num meio televisivo pago pelos contribuintes.

Este número da revista *Comunicação e Sociedade* associa-se, com todo o gosto e empenho, à evocação dos 50 anos do *Telejornal*. E fá-lo da única forma que faria sentido no órgão de um centro de investigação: através da publicação de textos que procuram uma tríplice meta: *i)* dar a conhecer alguma da investigação existente entre nós sobre o programa em causa, quer na comunidade académica quer junto dos agentes mais directamente ligados ao jornalismo e aos *media* e dos cidadãos em geral; *ii)* divulgar investigações sobre a informação televisiva realizada noutros países, nomeadamente em alguns daqueles que celebraram já o cinquentenário do seu telejornal; *iii)* suscitar um maior interesse dos investigadores e dos centros de investigação nacionais das áreas das ciências sociais e humanas e, em particular, dos das ciências da comunicação por um território ainda pouco estudado e, todavia, de enorme relevância cultural e política (dado o facto de continuar a ser o veículo predominante da informação sobre a actualidade de grande parte da população).

A pesquisa sobre o passado, o presente e o futuro do *Telejornal* e dos outros espaços de informação televisiva – diários e não diários – carece de um gigantesco esforço, que urge incrementar na próxima década. Os formatos e conteúdos deste tipo de programas proporcionam, por si sós, abundante e relevante matéria de estudo. Mas é necessário alargar os horizontes às lógicas e estratégias de programação; aos fluxos transnacionais e às novas plataformas digitais de circulação e distribuição de informação de actualidade; à reconfiguração das redacções em grupos multimédia e à redefinição das tarefas e competências dos profissionais; aos complexos jogos estratégico-tácticos entre as redacções televisivas e as sedes dos poderes (onde se desenvolvem e cultivam as fontes organizadas e profissionalizadas); aos modos como as tecnologias digitais e os novos suportes de distribuição estão a reconfigurar a produção e o consumo de informação; aos processos de acesso, uso, apropriação e produção de informação por parte dos utilizadores dos novos serviços e dos cidadãos em geral.

Um cenário desta envergadura representa um grande desafio, mas do qual a sociedade vitalmente carece. O Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho desenvolve, desde há mais de uma década, uma vertente de investigação centrada precisamente no *Telejornal* e, mais geralmente na informação televisiva. Tal vertente representa um âmbito estruturante do Centro, com várias obras publicadas, de que este número constitui igualmente um resultado. Mas torna-se necessário, a nosso ver, perspectivar uma articulação de projectos oriundos de investigadores de diferentes centros, nacionais e estrangeiros, para conferir uma escala e ambição maiores a iniciativas científicas que importa lançar futuramente. Para tal, a recente constituição do grupo de Estudos Televisivos, no âmbito da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM), pode vir a ter um papel fundamental em iniciativas que projectem para outro patamar a investigação que se faz em Portugal sobre o meio televisivo e, particularmente, sobre a informação *na* e *da* televisão.